

ANO 7 - NÚMERO 93 - JUL 2022

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15



©crisvector • Bruno Kelly/Amazônia Redi

BRUNO E DOM: AMAZÔNIA, SUA LINDA!

p. 08

CONSCIÊNCIA NEGRA

É tempo de coroar Mulheres Negras

p. 18

SAGRADO INDÍGENA

Massacre de Guapoy: Os Kaiowá e o tamanduá cego

p. 30

SUSTENTABILIDADE

A fábula da água e da galinha

p. 46



Somos todos Caixa Econômica Federal, instituição fundamental para a estabilização econômica e para a manutenção do nível do emprego e da renda, vinculados à expansão da demanda agregada do país. O que nos move é o sentimento do abraço que se entrelaça com outros braços para a partilha, o cuidado e o amparo da coisa pública, juntos e misturados com o povo brasileiro.

Classificamos a Caixa Econômica como instituição financeira pública símbolo da competência e sucesso do país. Defendê-la é um ponto de honra. Falamos de um banco com projetos sociais em todo o Brasil. Não imaginamos o nosso país sem um banco com a capilaridade da Caixa, imprescindível para a justiça social. Ser patriota é defender o que é nosso.

A campanha #SOMOSTODOSCAIXA possui a força de uma semente, com raízes, troncos, ramos, folhas, flores e frutos fincados no chão da cidadania do nosso país. A Caixa representa a alternativa que o Brasil deve abraçar para

#SOMOSTODOSCAIXA



a retomada de um desenvolvimento saudável e sustentável, com oferta de crédito e investimentos públicos em habitação, saneamento e infraestrutura.

A valorização de todas as empregadas e todos os empregados do banco poderá ajudar o Brasil a reinventar-se na perspectiva de mais democracia e mais participação popular.

Nosso movimento sonha e se mobiliza para fazer um país que nos traga de volta a alegria e o orgulho de ser brasileiro. Assim é a campanha #SOMOSTODOSCAIXA, cujo saldo registra a vontade do pessoal do banco em abraçar um Brasil mais público e mais social.



**O Pessoal da Caixa abre os braços
pra junto com o povo brasileiro fazer este país**

Campanha da FENAE em defesa da Caixa pública e social
e da valorização do Pessoal da Caixa

“ **A gente tem que mudar essa visão eurocêntrica do herói que precisa morrer para ser reconhecido. Precisamos valorizar a luta das pessoas enquanto elas estão vivas.** ”

Carlos Travassos

COLABORADORES/AS - JULHO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Beatriz Haruka – Jornalista. Beto Marubo – Líder Indígena. Eduardo Galeano – Escritor (*in memoriam*). Eduardo Nunomura – Jornalista. Emir Bocchino – Designer Gráfico. Emir Sader – Jornalista. Iêda Leal de Souza – Professora. Jairo Lima – Indigenista. Janaina Faustino – Gestora ambiental. José Ribamar Bessa Freire – Professor. Kleyton Moraes – Dirigente Sindical. Leonardo Boff – Ecoteólogo. Lúcia Resende – Professora. Pedro Tierra – Poeta. Samuel Leão – Jornalista. Sydney Possuelo – Indigenista. Wérica Lima – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista (*in memoriam*).

Zezé Weiss – Jornalista. Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Ana Paula Sabino – Jornalista. Andréa Luisa Teixeira – Professora. Andrea Matos – Sindicalista. Ângela Mendes – Ambientalista. Antenor Pinheiro – Jornalista. Binho Marques – Professor. Cleiton Silva – Sindicalista. Elson Martins – Jornalista. Emir Sader – Sociólogo. Gomercindo Rodrigues – Advogado. Graça Fleury – Socióloga. Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra) – Poeta. Iêda Leal – Educadora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora (*in memoriam*). Iolanda Rocha – Professora. Jacy Afonso – Sindicalista. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista. José Ribamar Bessa Freire – Escritor. Júlia Feitoza Dias – Historiadora. Kleyton Moraes – Sindicalista. Kretã Kaingang – Líder Indígena. Lucélia Santos – Atriz. Lúcia Resende – Revisora. Maria Maia – Cineasta. Rosilene Corrêa Lima – Jornalista. Samuel Pinheiro Guimarães Neto – Diplomata. Trajano Jardim – Jornalista.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana – Sindicalista. Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. Joseph Weiss – Economista.

"**A** mazônia, sua linda!", nossa matéria de capa da Xapuri 93, homenageia o indigenista Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips, assassinados barbaramente pela bandidagem, no Vale do Javari, estado do Amazonas, em 5 de junho de 2022.

Em um texto ao mesmo tempo doido e sereno, o professor e escritor Bessa Freire, conselheiro da Revista Xapuri, celebra, ainda que com profunda indignação, o privilégio de termos como legado o exemplo de luta desses dois seres fantásticos, agora encantados, que certamente seguirão alumando os clarões da Resistência Indígena.

Buscando encontrar respostas para o que pode acontecer agora com os povos originários do Vale do Javari e de todo o Brasil, conversamos com o sertanista Sydney Possuelo, em Brasília. Para Possuelo, este é o momento mais crítico de todos os tempos para os povos indígenas brasileiros. O que fazer? Apostar em outubro. E se outubro não der certo? "Aí, ninguém sabe"...

É este o resumo de nossa matéria de capa deste mês de julho. O resto, você vai precisar folhear a Revista para descobrir.

Bom Proveito!

Boa Leitura!



Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 - Setor Village - Caixa Postal 59 - CEP: 73.814.-500 - Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

*Parabéns pela mudança na Razão Social. Xapuri Socioambiental –
Comunicação de Resistência – fica muito mais com a cara da Revista!*

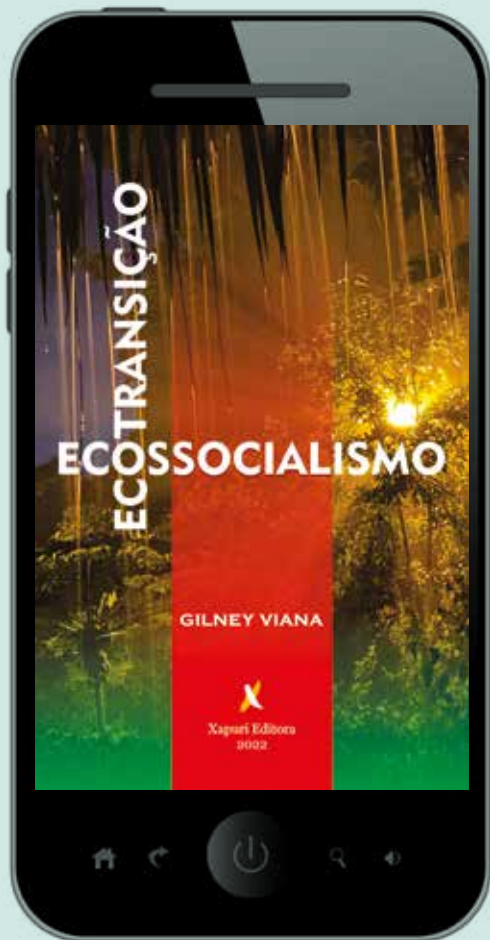
Ana Paula Sabino – Brasília – DF

*Meu livro sobre o Ecosocialismo saiu muito melhor do que eu pensava.
Além de uma excelente revista, a Xapuri cada vez mais se transforma em
uma excelente editora para os temas da Resistência.*

Gilney Viana – Brasília – DF

As camisetas da Xapuri são muito lindas. Amei todas, especialmente as do Lula.

Maria Leticia – Ilhéus – BA



Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri 93 JUL 22

SOCIOAMBIENTAL

- 08 CAPA**
Bruno e Dom: Amazônia, sua linda!
- 15 BIODIVERSIDADE**
Sua excelência, a lobeira
- 18 CONSCIÊNCIA NEGRA**
É tempo de coroar Mulheres Negras
- 20 CONJUNTURA**
Derrotado moralmente, falta ao presidente a derrota política
- 21 HISTÓRIA SOCIAL**
Os sóis que a noite esconde
- 22 ECOLOGIA**
O Cerrado antes de Cristo, Maomé, Colombo, Cabral e tantos outros sobrenomes de pompas: o êmico e o ético de uma história ambiental

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

- 25 AMAZÔNIA**
Subidas e descidas... chegadas e idas pelos rios da Amazônia
- 29 GASTRONOMIA**
Peixinho-da-horta empanado
- 30 SAGRADO INDÍGENA**
Massacre de Guapoy: os Kaiowá e o tamanduá cego
- 33 MITOS E LENDAS**
Pé de Garrafa: uma lenda do Centro-Oeste Brasileiro
- 36 POLÍTICA**
Brasil tem 2,9 milhões de gays, lésbicas ou bissexuais
- 39 ALMA ACREANA**
Acre: um estado de espírito
- 40 INDIGNAÇÃO**
Resta uma aliança na palma de minha mão
- 44 RESISTÊNCIA**
Carta para o Grandão
- 46 SUSTENTABILIDADE**
A fábula da águia e da galinha
- 48 UNIVERSO FEMININO**
Professora Nilza, vereadora Nilza: preta nossa de Formosa!

BRUNO E DOM: AMAZÔNIA, SUA LINDA!

— José Bessa Freire



Ilustração: divulgação/Di Vasca

**Quero sua risada mais gostosa
Esse seu jeito de achar
Que a vida pode ser maravilhosa**

(Ivan Lins, Vitoriosa, 1986)

Onde está o indigenista Bruno Araújo Pereira, 41 anos, paraibano de nascimento, amazônida por adoção? A cena é paradisíaca. Cercado por árvores no meio da floresta, ele está entoando um canto em Katukina, língua dos Kanamari:

*Wahanararai wahanararai,
marinawah kinadik,
marinawah kinadik;
tabarinih hidya hidyanih,
hidja hidjanih.*

A câmera capta sua imagem de perfil, sentado no chão sobre um tapete de folhas, cadenciando a música com o pé esquerdo. Parece estar só. Não está. Gira seu rosto à direita e, agora de frente, abre um sorriso alegre interagindo com os índios com quem ele canta e que, fora do enquadramento, não aparecem no vídeo. Escutamos suas vozes acompanhando o contracanto coletivo, afinado pela cumplidade construída na partilha das experiências de luta.

O que cantam eles no vídeo [de Enoch Taurepang] exibido por André Trigueiro num canal de TV, que viralizou? As palavras falam literalmente sobre o modo como a arara alimenta seus filhotes, um hino em defesa da floresta e dos povos originários. A risada gostosa de Bruno exhibe seu jeito de mostrar que a vida pode ser maravilhosa, mas foi interrompida tão cedo, o que torna a cena desgarradora, provocando sentimento ambíguo de luzes e sombras, esperança e desespero.

O outro lado, aquele que mata e não canta, não é digno de ver e entender. Como o sagrado atravessa todas as religiões, o canto foi entoado por rabinos na sinagoga de São Paulo e vai se espalhar por templos e igrejas de outras comunidades Brasil afora.

- Quando vi o vídeo do Bruno chorei muito - escreveu o cantor e compositor André Abujamra, autor de um remix do canto, que expres-

sou assim o sentimento de todos nós: chorar, orar, ar. Já vi trocentas vezes as imagens, hipnotizado pela alegria de menino brincalhão, que deve ter encantado a sua Beatriz e os dois filhos de 2 e 3 anos, um deles herdeiro do riso do pai, ambos fotografados em um barco no rio de água barrenta, em cujo toldo está escrito: "Este rio é minha rua".

A MATA SAGRADA

Onde está o jornalista britânico Dominic Mark Phillips, 57 anos, nascido no condado de Merseyside, mas baiano como sua Alessandra e amazônida como o amigo Bruno?

Apaixonados pela sacralidade da mata exuberante, os dois vêm navegando juntos desde 2018 pelos rios da Amazônia, especialmente o Javari, a última morada de ambos. Uma semana antes do adeus, Dom acabara de postar no Instagram um vídeo dentro de um barco, com uma singela



O QUE É A TERRA INDÍGENA DO VALE DO JAVARI

Localizada nos municípios de Atalaia do Norte e Guajará, no oeste do estado do Amazonas, na fronteira com o Peru, com seus 8.544.00 hectares, a Terra Indígena Vale do Javari, legalmente demarcada em 2 de maio de 2001, é a segunda terra indígena do Brasil em extensão territorial.

Habitada por diversos povos indígenas, como os Kanamari, Kulina, Marubo, Matsés e Matis, a Terra Indígena do Vale do Javari também abriga pelo menos uma dezena grupos de indígenas isolados, o maior número de populações isoladas do planeta, que optaram por não conviver com a sociedade nacional.

Responsável pela proteção das populações indígenas no Brasil, a Fundação Nacional do Índio (Funai), mantém apenas duas bases de proteção na região, onde impera um clima de constante insegurança e ameaças, decorrentes de conflitos causados pela caça e pesca ilegais, pelo garimpo e pela extração ilegal de madeira, e também pelo tráfico de drogas.

Os assassinatos de Maxciel Pereira dos Santos, em 2019, e de Bruno Pereira e Dom Phillips, em junho de 2022, colocaram os olhos do Brasil e do mundo sobre a crucial realidade vivida por nossos povos originários que, contra vento e maré, continuam sendo violentados e continuam resistindo ao longo de cinco séculos. Mas, como diz o sertanista Sydney Possuelo, nunca como nesses últimos quatro anos deste governo nefasto, que protege bandido e coloca a máquina do Estado a serviço da bandidagem.

nabais



cartunistamachado



declaração de amor bem abraseleirada, que diz tudo sobre ele e seu parceiro de vida e de morte.

– *Amazônia, sua linda!*

O amor pela região unia os dois e os vinculava aos povos originários, que lá vivem há milênios, e ensinaram a eles “Como Salvar a Amazônia”, título do livro que Dom estava escrevendo, com a experiência adquirida em viagens pelo Brasil durante 15 anos, os últimos cinco pela região amazônica, em companhia de Bruno. Suas reportagens em jornais europeus e dos Estados Unidos documentaram o avanço do desmatamento, a predação do garimpo, a invasão dos territórios indígenas durante o governo do Coiso.

O jornalista era amado pelos povos indígenas, assim como Bruno, conforme declarações de líderes da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (UNIVAJA). O Coiso, porém, avocou como seu o sentimento dos que destroem a floresta e poluem os rios, ao dizer que Dom era “malvisto” pela população local.

Enquanto ainda se desconhecia o paradeiro dos dois, em entrevista à coisificada jorna-

lista Leda Nagle, ele tripudiou sobre os cadáveres:

– “Se estiverem mortos, os corpos podem estar dentro da água e pouca coisa para sobrar. Tem piranha lá no rio Javari”.

LEI DA SELVA

O Coiso culpou-os por embarcarem “em uma aventura não recomendável, onde tudo pode acontecer. É muito temerário andar naquela região sem estar [...] com armamento. Pelo que parece eles não estavam”, assim como Jesus, mas Jesus só “não comprou pistola porque não tinha” naquela época – disse ele em conversa com gente de sua laia. Um sacrilégio achar que um pacifista repleto de amor dispararia sobre os seus algarzes para evitar ser crucificado.

Essa – dizem – é a lei da selva, anterior à lei dos homens e que predominou no período histórico antes de surgirem religião, escrita, constituições, tribunais, quando os crimes ficavam impunes.

Mas talvez o termo mais apropriado seja denominá-la de “lei da bandidagem”, porque na selva as araras alimentam

QUEM SÃO OS POVOS INDÍGENAS DO VALE DO JAVARI

seus filhotes, nenhum animal tortura outro animal ou promove guerras, nem envenena os rios e muito menos destrói a floresta, que é seu *habitat*. Mata-se para comer, não para se divertir, para lucrar, para explorar o outro.

Diante da ausência dos poderes públicos na Amazônia, impera não a "selvageria", mas o aval dado por discursos de barbárie a garimpeiros ilegais, envenenadores de rios, narcotraficantes, milicianos, contrabandistas, evidenciando que o Estado, neste atual des-governo, não se interessa em controlar a região.

As calúnias contra Dom e Bruno já começam a circular, da mesma forma que a difamação de Chico Mendes feita pelo ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, responsável pela "boiada" contra a floresta. Em entrevista a Bernardo Mello Franco, Salles afirmou que "o pessoal do agro, que conhece a região, diz que ele (Chico Mendes) era grileiro".

O Coiso "tem sangue nas mãos e não tem coragem de dizer que está muito satisfeito com o que aconteceu" – declarou o avô dos

A Terra Indígena do Vale do Javari é habitada por cerca de 26 povos indígenas, incluindo os Isolados do Alto Jutai, Isolados do Igarapé Alerta, Isolados do Igarapé Amburus, Isolados do Igarapé Cravo, Isolados do Igarapé Flecheira, Isolados do Igarapé Inferno, Isolados do Igarapé Lambança, Isolados do Igarapé Nauá, Isolados do Igarapé Pedro Lopes, Isolados do Igarapé São José, Isolados do Igarapé São Salvador, Isolados do Jandiatuba, Isolados do Rio Bóia/Curuena, Isolados do Rio Coari, Isolados do Rio Esquerdo, Isolados do Rio Itaquiá, Isolados do Rio Pedra, e pelos povos Kulina Pano, Marubo, Matis, Matsés e Tsohom-Dyapá. São povos falantes de línguas da família Pano, à exceção dos Kanamari e dos Tsohom-Dyapá (ambos da família linguística Katukina).

Estimativas da Fundação Nacional do Índio (Funai) projetam uma população de 4 e 6 mil indígenas para a Terra Indígena e região, não incluindo as populações de indígenas isolados. São povos com diferentes tempos e graus de contato com a sociedade envolvente. Os Kanamari e os

Marubo mantêm contato sistemático há cerca de 100 anos. Os Mayuruna, Matis e Kulina, há aproximadamente 30 anos. Os Korubo e os Tsohom-Dyapá mantêm contato esporádico há cerca de 10 anos. Já os povos originários conhecidos por Índios Isolados optaram por não manter contato com a sociedade nacional.

Os povos indígenas do Vale do Javari são caçadores e coletores, mas, essencialmente, são agricultores. Produzem mandioca, batata, milho, algodão, urucum, jenipapo, vários plantios de época e alguns perenes, como as palmeiras de açaí, bacaba e pupunha. Sua cosmologia e suas tradições estão ligadas às estações do ano e às características ambientais da região.

Entre eles, há povos mais próximos uns dos outros, alguns fazem trocas e estabelecem alianças e, ocasionalmente, se juntam para as guerras. A constante pressão externa pela exploração ilegal de seus recursos naturais obriga os povos indígenas do Vale do Javari a lutar, cada vez mais e em condições desvantajosas e desiguais, contra os invasores de sua Terra Indígena.





filhos de Bruno, Kleber Gesteira Matos, ex-coordenador da Educação Escolar Indígena no MEC e um dos maiores especialistas na área.

DESPEDIDA AMOROSA

Não houve mandante do crime – assegura a Polícia Federal, o que é contestado em nota pela UNIVAJA, que entregou seis ofícios entre fevereiro e maio deste ano a vários órgãos: Ministério Público Federal, Polícia Federal, Força Nacional de Segurança Pública e Funai. Os documentos relatam o crescente clima de tensão no Vale do Javari.

Nenhuma providência foi tomada em relação ao promotor e incentivador dos assassinatos, que todos sabem quem é.

Na quarta-feira (15 de junho), véspera de Corpus Christi, Kleber participou de um ato organizado nos jardins do campus pelos professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pioneira na implantação da pedagogia indígena no cenário nacional.

Ali, Kleber falou sobre o seu genro, sua simpatia e generosidade, e destacou o carinho e o cuidado que tinha com os dois filhos pequenos, batizados com

nomes indígenas herdados de dois amigos Kanamari.

As esposas de Dom e Bruno reagiram de forma digna e altiva, evidenciando o papel central que tiveram nessa história. A baiana Alessandra Sampaio, embora aguardando as confirmações definitivas da tragédia, agradeceu os indígenas que se envolveram na busca e declarou:

– Agora podemos levá-los para casa e nos despedir com amor. Hoje se inicia nossa jornada em busca de justiça. Só teremos paz quando as medidas necessárias forem tomadas para que tragédias como esta não se

repetam jamais. Presto minha absoluta solidariedade com a Beatriz e toda a família do Bruno.

A antropóloga Beatriz de Almeida Matos, professora da Universidade do Pará, compartilhava com Bruno a paixão pelos povos do Vale do Javari, cujos rituais foram tema de sua tese de doutorado no Museu Nacional da UFRJ. “Agora, que os espíritos do Bruno e do Dom estão passeando na floresta e espalhados na gente, nossa força é muito maior” – ela declarou.

– Onde estão Dom e Bruno?

A pergunta feita no mundo inteiro agora tem resposta: eles estão no coração da floresta e do rio, no coração dos povos indígenas, no coração de todos nós. Amazônia, sua linda, as araras continuam alimentando seus filhotes.

Wahanararai wahanararai.

P.S. – Que o meu querido amigo Kleber Matos, a Maria Inês, a filha Beatriz e os dois k-namarizinhos, seus netos, que levarão pela vida afora os valores cultivados pelo pai, fiquem com a gargalhada mais gostosa e vitoriosa: sim, apesar de tudo, a vida pode ser maravilhosa. As vidas de Dom e Bruno são uma prova disso. A luta continua.

BRUNO E DOM... DOM E BRUNO

O poeta amazonense Luiz Pucu, contador de estórias, comovido com o assassinato bárbaro de Bruno e Dom, enviou este poema acolhido aqui. A vingança por ele anunciada virá no domingo, 2 de outubro de 2022, quando eles serão banidos.

BRUNO E DOM... DOM E BRUNO

Abro uma fenda no tempo
de guerra e sem sol
No Vale do Javari cobiçado
Chamo Jurupari e Mapinguaris
E o nosso povo armado
Com toda a fome
Do mesmo nome
Iço as asas e as nossas garras
Dom e Bruno... Bruno e Dom...
Amazônia é o abrigo da
nossa tribo
Que pede vingança
Para fazer cessar a matança!
Em nome das mães que choram,
dos pais, dos filhos...
e a certeza e a crença
Bruno e Dom ...Dom e Bruno
Que a paz e o amor
marquem a sentença!
Vamos derrotar o assassino
e o opressor
Seja lá como for...
Dom e Bruno...
Bruno e Dom...
E sem dó...
De fazer doer!!!



José Bessa Freire –
Professor. Cronista
Amazônida.



Obs. – Agradecemos aos autores das fotos pescadas nas redes sociais. Nota do professor Bessa em seu blog www.taquiprati.com.br, onde esta matéria foi publicada originalmente em 19 de junho de 2022. Os quadros complementares com informações sobre a Terra Indígena do Vale do Javari e os povos que nela vivem foram compilados por Zezé Weiss, com base em informações coletadas nas redes sociais e em entrevista do indigenista Carlos Travassos ao Portal InfoAmazonia, em junho de 2022.

Charge: Divulgação/Larite



E AGORA?

Sydney Possuelo

mente, é que antes não existia esse clima institucionalizado de fomento à violência, de distribuição de armas, de destruição da Amazônia e do meio ambiente, do ataque deliberado aos povos indígenas, que envergonha o povo brasileiro no Concerto das Nações. Eu mesmo tenho viajado e muitas vezes eu fico com muita vergonha de como o mundo nos vê hoje, lá de fora.

Esses são os fatores que fazem com que estes últimos quatro anos - claro, estamos falando do governo Bolsonaro - tenham sido os piores anos para os povos indígenas, desde sempre.

O que vemos agora, no Vale do Javari, com essas mortes, ou na Terra Indígena Yanomami, com 20 mil invasores, com os garimpeiros passando de barco, dando tiro nas comunidades, isso é o resultado, é o produto dessa política estabelecida por este governo nefasto.

Esse povo que está destruindo a Amazônia se sente protegido pelo governo. O governo os protege.

O governo protege bandido. O governo está do lado de quem invade as terras indígenas, de quem acaba com o meio ambiente, de quem persegue e assassina gente como o nosso companheiro Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips.

É preciso ter claro que essa tragédia não vem de nenhuma força extraterrestre, universal. Não, o que estamos vivendo é algo pensado dentro da política brasileira. E isso não vai passar se não mudarmos o comando da política nacional. Nossa solução tem que ser essa, eleger, dentro do sistema democrático, pelo voto, uma nova visão sobre a questão indígena e sobre o meio ambiente.

Nem sempre as coisas foram ruins como estão agora. Não que antes tudo tenha sido perfeito, pelo contrário, sempre foram difíceis; por exemplo, pelo menos a questão estrutural - da demarcação de todas as terras indígenas - poderia ter sido resolvida durante os anos de governos do PT.

O que piora as coisas, infinitamente, é que antes não existia esse clima institucionalizado de fomento à violência, de destruição de armas, de destruição da Amazônia e do meio ambiente, do ataque deliberado aos povos indígenas, que envergonha o povo brasileiro no Concerto das Nações. Eu mesmo tenho viajado e muitas vezes eu fico com muita vergonha de como o mundo nos vê hoje, lá de fora.

O que fazer? Torcer para que essas semanas do período pré-eleitoral passem logo e para que o novo governo tenha consciência sobre sua responsabilidade de proteger nossos povos e cuidar do nosso patrimônio. Até lá, é torcer para que os povos indígenas do Vale do Javari e todos os outros povos do Brasil se mantenham, como estão agora, firmes na Resistência.



Sydney Possuelo - Sertanista, Indigenista. Ex-presidente da Funai.



SUA EXCELÊNCIA, A LOBEIRA

Zezé Weiss

Tem muita lobeira aqui nesse nosso quinhão de Cerrado. Algumas entraram o mês julho cheias de frutos. Outras, mais preguiçosas, estão ainda na fase da florescência e nesse momento bordam a poeira da seca com suas lindas flores-estrela, tingidas de violeta. De violeta e de amarelo, que seu miolo é bem dourado, como os ipês de agosto.

Da mesma família do tomate e do jiló, a lobeira (*Solanum lycocarpum*), arbusto de porte médio, que alcança no máximo cinco metros

de altura, produz a fruta-de-lobo, também conhecida por guarambá ou maçã do Cerrado, alimento fundamental para a sobrevivência do lobo-guará, animal símbolo da resistência cerratense.

Grande e redondo como uma fruta-pão, o fruto da lobeira tem um cheiro forte, parecido com o da maçã verde, e, embora comestível, é pouco usado na alimentação humana. Entretanto, raizeiros e raizeiras da região o usam com bastante frequência para produzir remédios caseiros contra o

diabetes, a epilepsia e a hepatite.

Embora ainda de modo incipiente, o valor medicinal da lobeira vem despertando o interesse dos meios acadêmicos. Estudos sobre a produção de esteroides de lobeira, matéria-prima de diversos medicamentos, estão sendo desenvolvidos, por exemplo, pela Universidade de Brasília (UnB).



Zezé Weiss - Jornalista Socioambiental.

NÃO SE CALE! DENUNCIE QUALQUER TIPO DE ASSÉDIO

Kleyton Morais

O título acima faz parte de uma campanha do Sindicato dos Bancários e das Bancárias de São Paulo, contra o assédio sexual nos bancos brasileiros. Por concordar integralmente com seu conteúdo, replicamos aqui excertos do texto que acompanha os materiais visuais da campanha:

“A ruidosa saída de Pedro Guimarães do comando da Caixa Econômica Federal após denúncias de assédio sexual expôs um problema endêmico na estrutura de trabalho dos bancos: a violência organizacional, da qual o assédio sexual é apenas um dos sintomas.”

“O assédio sexual é só uma parte da violência organizacional, mas o assédio moral ocorre a todo o tempo e de forma muito mais disseminada. Durante o comando de Pedro Guimarães essas práticas pioraram bastante, mas não são exclusividade da sua gestão. Por isso é preciso que os bancários e bancárias tenham a coragem de denunciar, para que os assediadores não

fiquem impunes”, afirma Tamara Siqueira, dirigente sindical e empregada da Caixa.

Pesquisa da Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal (Fenacae), realizada entre novembro e dezembro de 2021, mostra que 6 em cada 10 entrevistados relatam ter sofrido assédio moral no ambiente de trabalho.

A pesquisa foi feita com 3.034 trabalhadores do banco, tanto aposentados quanto da ativa. Entre os funcionários da ativa, 56% disseram ter sofrido esse tipo de assédio. Além disso, 70% dos entrevistados já testemunharam assédio moral em ambiente da Caixa. O levantamento também mostra que 65% dos pesquisados conhecem algum colega passando por situação de sofrimento constante, como depressão, angústia ou pânico causados pelo ambiente de trabalho na Caixa.

“Esses dados evidenciam que o assédio moral é uma realidade, e as vítimas não

podem ter medo de denunciar ao Sindicato, com a certeza de que a identidade da vítima será mantida no mais absoluto sigilo”, reforça Tamara.

Você pode verificar o texto na íntegra no site: <https://spbancarios.com.br/06/2022/nao-se-cale-denuncie-qualquer-tipo-de-assedio>. Nós, do Sindicato dos Bancários e das Bancárias de Brasília, nos posicionamos com a mesma firmeza e indignação contra toda e qualquer forma de assédio e opressão.



Kleyton Morais - Líder Sindical. Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.





Foto: Divulgação



CONSCIÊNCIA NEGRA





É TEMPO DE COROAR MULHERES NEGRAS

Iêda Leal

Julho é tempo de coroar as mulheres negras que já fizeram muito pelo nosso País. Tempo de luta e resistência com a inspiração de toda herança ancestral. Momento de coroar o comprometimento daquelas que vieram antes de nós. Preciso reafirmar nesse mês que essas mulheres negras que vieram antes de nós me fizeram uma pessoa melhor. Obrigada, minhas diversas mães, mulheres importantíssimas para a minha construção crítica do mundo, ensinamentos que me levaram a ocupar os lugares que hoje ocupo.

Todas temos que combater os reflexos da tortura por todas nós, combater e resistir sempre. Essa tem sido nossa tarefa: a transmissão dos valores e das nossas lutas ao longo dos anos. Nesta caminhada, precisamos ocupar os espaços: parlamentos, sindicatos, centrais, conselhos, associações, de todas as áreas de todas as vertentes. Enfim, todos os espaços possíveis para dar corpo aos nossos sonhos, para sobrevivência, para reinventar nossas vidas.

Julho, mês da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, de Tereza de Benguela – tempo de saudar as que resistiram antes de nós e que continuam nos ensinando a viver.

Fátima Ferreira, pedagoga, professora de educação infantil; Neusa Maria Pereira, jornalista; Lenny Blue, ativista, feminista, advogada; Lélia Gonzalez, antropóloga, intelectual negra: todas fundadoras do Movimento Negro Unificado. Sueli Carneiro, filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro e de mulheres negras, fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra. Luiza Bairros, socióloga, líder do movimento negro e de mulheres negras, foi a primeira coordenadora nacional do MNU e ministra da Secretaria Nacional da Igualdade Racial. Marielle Franco, símbolo da ocupação negra na política, negra, feminista, lésbica, favelada, socialista e ativista de direitos humanos.

Tereza de Benguela, que liderou o Quilombo de Quariterê, responsável pelo desenvolvimento de um modelo de organização político-econômica-cultural de território livre.

Luísa Mahin, africana guerreira, que teve importante papel na Revolta dos Malês, na Bahia, mãe de Luiz Gama, poeta e advogado abolicionista. Carolina Maria de Jesus, umas das mais importantes escritoras negras da literatura brasileira.

Por essas e por tantas outras que não citei aqui, mas que são também importantíssimas, saúdo essa ancestralidade, mulheres e homens que representam toda a luta do povo negro no Brasil. É tempo de evidenciar a importância e o papel que essas mulheres negras exercem nas nossas lutas que estamos travando, agora, amanhã e sempre.

Estou falando de mulheres negras: do movimento de luta no passado, que hoje é uma herança enriquecedora para as atuais e próximas gerações de mulheres guerreiras e destemidas. Futuras gerações que vão continuar conduzindo a nossa história. É preciso usar o poder que temos para mudar a nossa sociedade.



Iêda Leal – Tesoureira do SINTEGO / Secretária de Combate ao Racismo da CNTE / Coordenadora Nacional do MNU / Coordenadora do Centro de Referência Negra Lélia Gonzalez / Secretária de Comunicação da CUT-Goiás.





Foto: Divulgação / Nacho Doce

DERROTADO MORALMENTE, FALTA AO PRESIDENTE A DERROTA POLÍTICA

Emir Sader

A menos de 100 dias do primeiro turno, Bolsonaro está moralmente derrotado. Se juntam uma série de questões negativas para ele, que fazem com que ele não tenha mais condições de governar.

Não tem antídotos para a grave crise econômica, para a inflação, para o desemprego, para nada. Só toma uma ou outra medida que acredita poder diminuir seu nível de rejeição de 55%.

Com que conta Bolsonaro para tentar sobreviver? Com que a direita ainda aposta nele. O único setor em que ele tem ampla maioria é o dos empresários. O que signifi-

ca isso? Que, apesar do governo desastroso que ele fez, atendeu as necessidades do grande empresariado. Privatizou empresas, desregulamentou a economia, forneceu créditos, promoveu os valores do liberalismo econômico.

E, como complemento indispensável, atacou a democracia, os movimentos sociais, as mulheres, os negros, os jovens, os LGBT, os intelectuais, as universidades – tudo o que expresse liberdade, diversidade, democracia. Faz o discurso do ódio, da violência, das armas.

Sua derrota no dia 2 de outubro representará a derrota disso tudo

e dos que estão ainda com ele, civis ou militares, religiosos ou não. Ele não tem mais discurso, não consegue conquistar apoios novos, está isolado, desmoralizado, pelos sucessivos reveses que está sofrendo.

A derrota moral é o prelúdio da derrota política. Ela tem que vir com um apoio generalizado na sociedade, como uma derrota política acachapante.



Emir Sader - Sociólogo. Cientista político. Colunista do Brasil 247, fonte desta matéria. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



Foto: Arquivo Fundati



OS SÓIS QUE À NOITE ESCONDE

Eduardo Galeano

No ano de 1909, nasceu Vitalino no Nordeste do Brasil.

E a terra seca, onde nada cresce, foi terra molhada, para que nascessem seus filhos de barro.

No começo foram brinquedos, que suas mãos modelaram para que acompanhassem a sua infância.

E o passo do tempo transformou os brinquedos em pequenas esculturas, tigres e caçadores, lavradores com suas enxadas escavando a terra dura, os guerreiros do deserto alçando fuzis, as caravanas dos retirantes expulsos pela seca, os violeiros, as bailadoras, os namorados, as procissões, os santos...

E assim os dedos mágicos de Vitalino contaram a tragédia e a festa de sua gente.



Eduardo Galeano -
Escritor, em *Os Filhos dos Dias*, Editora L&PM, 2ª edição, dezembro de 2012.

O CERRADO ANTES DE CRISTO, MAOMÉ, COLOMBO, CABRAL E TANTOS OUTROS SOBRENOMES DE POMPAS: O ÊMICO E O ÉTICO DE UMA HISTÓRIA AMBIENTAL

Altair Sales Barbosa



Foto: Divulgação/Andressa Zumpano

Dez mil anos antes de Jesus Cristo nascer, ou nove mil e quatrocentos anos antes de Maomé começar a pregar o Islão pelas terras da Arábia, ou onze mil e quinhentos anos antes de Colombo descobrir a América e Cabral chegar até as costas do que hoje é o Brasil, o Cerrado já era ocupado por nossos ancestrais indígenas, que caçavam nos intermináveis campos que havia, peregrinavam pelas margens dos caudalosos rios e, nos períodos noturnos e nas estações das chuvas, acomodavam-se nas cavernas e nos abrigos rochosos que ainda existem no local.

Nossos ancestrais mais antigos costumavam nos contar que os ancestrais dos seus ancestrais, muito mais velhos, diziam que nosso povo se autodenominava Andarilhos da Claridade, ou Peregrinos do Alvorecer. Contam que quando chegaram por aqui existia muita neve nas longínquas terras do norte. Era o fenômeno que os cientistas atuais denominam glaciação.

Segundo os cálculos, referendados pelos estudos desenvolvidos nas academias, esses nossos ancestrais chegaram aqui por volta de doze mil anos antes dos tempos atuais. Ainda, segundo a oralidade

que ficou na memória dos mais antigos, o lugar era tão bonito que se assemelhava a um paraíso; por isso, foi denominado Jardim das Plantas Tortas. Contam também os mais velhos, que ouviram dos mais antigos, que, naquele tempo, muitas paisagens que hoje caracterizam o que denominamos de continente americano, e América do Sul em particular, não existia da forma como se nos apresenta atualmente.

A ciência hoje nos demonstra que o Planeta Terra estava vivendo o final da glaciação Pleistocênica. Havia muita turbulência, as correntes oceânicas possuíam

outros limites de abrangência, que refletiam de forma decisiva nas correntes atmosféricas que, aos poucos, foram modelando as paisagens continentais, distribuindo modelos climáticos pelos cantos do continente, consolidando alguns ambientes e modificando drasticamente outros.

Era a aurora de uma nova época geológica, conhecida atualmente como Holoceno. O Planeta estava se aquecendo, em relação ao Pleistoceno. As geleiras da Groenlândia despencavam em blocos sobre o mar ou provocavam imensas erosões no interior dos continentes, pelas correntes das águas derretidas. O nível do mar estava subindo e tomando lentamente as partes expostas das áreas que hoje constituem uma parcela da plataforma continental.

A lenta subida do nível das águas oceânicas trazia como uma das consequências o represamento dos cursos d'água interiores. Com isso, a mecânica dos rios foi mudando, transformando os cursos d'água para menos velozes e mais largos, brindando oportunidades para a formação de planícies de inundação e lagoas laterais.

A temperatura era mais baixa que os padrões atuais e os ventos de junho e julho provocavam as friagens nos vales enfunados, um fenômeno tão forte que trazia muitas mudanças de comportamento da fauna nativa. Por falar em fauna nativa, naquela época ainda existiam nos chapadões centrais da América do Sul os elefantes, conhecidos como *Haplomastodon*, as preguiças gigantes, conhecidas como *Eremotherium*, tatus gigantes, conhecidos como *Gliptodontes* e tantos outros gigantes que compunham a megafauna da América do Sul. Perseguindo esses animais havia um grande predador, oriundo da América do Norte, conhecido pelo nome popular de Tigre-Dentes-de-Sabre, grande felino do gênero *Smilodon*. Ao lado desses animais, uma fauna variada de médio e pequeno porte partilhava

seus nichos e ecossistemas. Alguns desses animais conseguiram sobreviver até os dias atuais.

O Cerrado, com os seus diversos ambientes, também já existia em toda sua plenitude e servia de acolhida, como uma manjedoura de palha, para toda diversidade de fauna, desde os mamíferos até os pequenos insetos polinizadores. Assim, cremos que foi este o cenário que recebeu nossos primordiais ancestrais.

Segundo as histórias contadas por nosso povo, no início tratava-se de um grupo pequeno, composto de quatro a cinco famílias nucleares, tendo ao todo dezoito a vinte pessoas, incluindo as crianças. Pelo que conhecemos de grupos caçadores e coletores, essa população chegou ao alvorecer, certamente veio verediando pelo alcantilado de alguma serra, atraídos pelo aroma adocicado dos cajúis.

A época corresponderia, no calendário atual, ao que deveria ser final de setembro. Quando a luminosidade do sol descortinou um longínquo horizonte, a visão de uma interminável campinarana deve ter extasiado todo o grupo. À medida que o clarear se intensificava, as gotículas de orvalho nas folhas dos capins nativos imitavam o faiscar de diamantes brutos no fundo da bateia.

O sol escalava rápido aquele céu azulado e uma brisa temperada, tal qual um manto de algodão, cobria de calor aqueles corpos maquiados com cinzas. Enquanto o dia avançava, aquela gente pôde enxergar um pequeno córrego de águas limpas; ao longe, se descortinavam as brumas brancas de uma pequena cachoeira, bem próximo a uma lagoa e, mais distante, um rio de águas correntes parecia indicar que ainda existiam caminhos.

A claridade foi-se evidenciando e, à medida que o fato se concretizava, animais de hábitos herbívoros se aglomeravam para deliciarem o gosto meio adocicado dos brotos novos das gramíneas que surgiam como um tapete

esverdeado no solo escuro, ainda chamuscado pela última queimada. Ali também estavam animais insetívoros que se banquetearam ao redor dos cupinzeiros. Ao largo, na espreita, estavam camuflados os carnívoros, esperando um vacilo da presa predileta.

Nossos ancestrais devem ter ficado deslumbrados diante de tal abundância. Ao estenderem os olhares para mais adiante, avistaram a testa esbranquiçada de um paredão de arenito. A intuição os conduziu ao local. Ali, encontraram vários abrigos naturais e, nos taludes destes, sempre havia uma mina d'água. Talvez o sonho do Paraíso estivesse naquele momento se realizando. A tarde trouxe uma revoada de mariposas e tanajuras, para a festa de muitas aves.

Nossos ancestrais acamparam no abrigo, providenciaram uma fogueira, reconheceram melhor o ambiente, escolheram locais mais protegidos para as crianças e se distribuíram por locais, conforme suas conveniências. Ali permaneceram por séculos, como narram nossas histórias, hoje comprovadas pela academia.

Nos campos, havia abundância de caça, ora mais, ora menos concentrada, de acordo com a época do ano. Nos ribeirões e nas lagoas, muitos peixes. Nas vastidões dos campos, cerrados e cerradões havia, em cada época específica, uma variedade de frutos comestíveis. Também existia uma profusão de abelhas nativas, sem ferrão, que recheavam as cavidades dos paredões das rochas, das árvores ou do solo com seus deliciosos potes de mel.

Assim, esses ancestrais pioneiros tinham à sua disposição proteínas animais e vitaminas diversas, oriundas dos variados frutos e açúcares, provenientes da coleta do mel silvestre. Sua dieta ainda era complementada pela cata de ovos e pelo consumo de alguns insetos ou de suas larvas. A fertilidade da sobrevivência era complementada com espécies



lenhosas para as fogueiras e com uma variedade de matéria prima mineral, que utilizavam para fabricarem instrumentos.

Os antigos contam que o ambiente, embora apresentasse temperaturas um pouco mais baixas que as dos padrões atuais, não se caracterizava por excessos, nem frio, nem calor muito intensos, a não ser em poucos dias do ano. As chuvas se distribuíam dentro dos parâmetros atuais. Contam também que, quando se juntava muita gente, várias famílias procuravam outras terras, muitas não se reencontravam mais... Ficavam só lembranças. Talvez tenha sido por isso que outras línguas apareceram. Longo tempo de separação.

Assim era no princípio!

Os antigos ainda contam que, depois de muito tempo, alguns dos nossos irmãos se mudaram para terras arroxeadas e lá construíram ocas e plantaram, dentre outras coisas, feijão, mandioca, milho, batata doce, inhame, mangarito, taioba, abóbora e muitas outras variedades. De acordo com a histó-

ria contada pelos antigos, era muita fartura, e a felicidade só aumentou entre nosso povo. Havia muitos encontros para incontáveis festas.

Até que, num determinado dia, vários homens diferentes chegaram até onde estavam esses nossos ancestrais. Contam também esses velhos que quando chegaram foram bem recebidos, nosso povo os acolheu com cordialidade, embora não entendessem por que alguns, de pele escura, estivessem amarrados e, de vez em quando, eram chicoteados. Contam que o tempo foi passando e aqueles homens estranhos se viraram ferozmente contra o nosso povo. Pilharam as roças, violentaram as mulheres, e nossos irmãos foram morrendo de doenças desconhecidas, muitos foram amarrados em cangas de aroeira. Os que tiveram sorte fugiram para locais distantes e isolados.

Nossos ancestrais mais antigos dizem que ouviram de seus ancestrais que esses homens estranhos levaram muitos dos nossos irmãos, mas que não sabem para que lugar. Ainda contam que ouviram

dizer que sempre chegavam mais homens estranhos, que primeiro escavavam os rios, depois traziam animais estranhos que viviam em cercados, e que depois construíram igrejas para um novo tipo de deus, construíram arraiais, que foram virando cidades, cada vez mais ricas, com comércios e gentes que eram conhecidas por vários sobrenomes, alguns desses, eram pomposos, viviam nas riquezas e parece que tinham mais poderes que outros. Não entendemos muito disso, mas dizem que era assim...

Hoje nossos irmãos vivem em reservas, e outros peregrinam sem rumo nos recônditos mais escondidos desta terra. Os descendentes daqueles homens estranhos construíram seus mundos onde eram as nossas terras e ainda são valorizados de acordo com seus pomposos sobrenomes.



Altair Sales Barbosa - Pesquisador do CNPq, Pesquisador convidado da UniEVANGÉLICA de Anápolis. Sócio-Titular do Instituto

Histórico e Geográfico de Goiás. Conselheiro da Revista Xapuri.



SUBIDAS E DESCIDAS... CHEGADAS E IDAS PELOS RIOS DA AMAZÔNIA

Jairo Lima

Gosto de música, isto é fato, afinal sou músico. Bem, na verdade, estou mais pra "tocador". Mas tem estilos musicais que me cativam muito, e isso se dá tanto pela beleza da harmonia de sua execução quanto pelas lembranças e sensações que os sons me trazem.

Em especial, gosto da música indígena e da música Tuareg. Poderia citar vários expoentes dessas vertentes musicais, tão exóticas quanto sensoriais, pelo menos para boa parte do mundo. Ao ouvi-las chego até a sentir a mesma sensação das viagens longas e "intermináveis", das subidas e descidas de rios, num constante "tô chegando" a cada nova curva dessas veias de água que alimentam a natureza na Amazônia.

Aquela sensação de liberdade que só é experimentada quando nos deparamos com um gigantesco mundo novo à nossa frente, como os rios que cortam e alimentam o mundo ou a imensidão vertiginosa de um deserto. No momento em que escrevo esta crônica ouço essas canções no meu fone de ouvido e não deixo de sentir uma saudade enorme da sensação de estar tão próximo da natureza, pois ela engrandece em nossa pequenez humana, porque assim me sinto parte dessa grandiosidade que tanto nos apequena.

Fico pensando: como explicar essa sensação a quem não a entende, ou que nem esteve perto de entendê-la ou de experimentar? O interminável subir, a expectativa

do descer. A percepção de que de nada adianta se ater à prisão silenciosa ou sistêmica do relógio, às lembranças do que se viveu ou à expectativa do que se viverá.

Mesmo sabendo os caminhos e onde se vai chegar, cada viagem por esse mundão verde que é a floresta não deixa de se ser uma descoberta, um novo viver a cada momento, a cada curva de rio, a cada varadouro vencido.

Ver no horizonte a silhueta de uma aldeia indígena tomando forma e se agigantando, avistar a fumaça das cozinhas indígenas subindo preguiçosamente, sentir o cheiro da comida ou experimentar a forma, por vezes "disforme" da claridade do sol sombreada sob a pálida luz do entardecer, nos enchendo com uma sensação de vitória, de "chegada".

Você sabe o que é essa "sensação de chegada"? Não? Então você ainda tem muito o que viver, pois essa sensação nos enche de um sentimento prazeroso, que mescla alegria, orgulho próprio, e o sentimento do dever cumprido, mesmo sabendo que isso é apenas o começo do que se vai vivenciar.

Aida misteriosa e o retorno transformado. Sempre foi essa a minha sensação ao pular num barco para seguir rumo a "onde o vento aponta", como dizia minha avó Helena. Sim, um retorno "transformado", pois tem-se essa sensação de voltar diferente, com outras sensações e uma nova percepção à sua volta.

Um vigor ao qual podemos passar incólumes pelos obstáculos e agruras de nosso dia a dia sufocante e compartimento em obrigações, prazos e decepções, onde se precisa lutar a cada dia com o fantasma da tristeza e impotência ou, pior, com a certeza de que para continuarmos de pé precisamos nos entupir de remédios e palavras de motivação.

Em breve teremos a IV Conferência Indígena da Ayahuasca, que será realizada na sede do Instituto Yorenka Tasorensi, no Acre, em setembro deste ano. Lá, velhos amigos de tantas "rodas de cipó", das subidas e varadouros se encontrarão. Também, novas amizades serão feitas e novas redes se formarão. Isso tudo é muito importante, mas, neste momento, a canção "Akomaya", executada pelo querido Iskukua Yawanawá, que ouço agora, faz fluir o meu ser.

O que faz o meu coração palpitar é, na verdade, saber que em breve viverei tudo isso que descrevi acima, embalando este meu espírito aventureiro e eterno de uma criança que ainda tem muito o que explorar nas subidas e descidas, nas chegadas e idas pelos rios da Amazônia.

E você "cara pálida", sabe do que eu estou falando? Não? Pois é... então se liga, irmão!



Jairo Lima - Indigenista, músico e cronista da Amazônia, em <http://cronicasindigenistas.blogspot.com/>.





A VIDA É DEZ

JAIMÉ SAUTCHUK,

ENCANTADO EM 14.07.2021:

PARA SEMPRE, PRESENTE!



SINTEGO HISTÓRIA DE LUTA MEMORIAL MULTIMÍDIA

Um Memorial para contar a história de luta do
SINTEGO, o maior Sindicato de Trabalhadores
e Trabalhadoras do Estado de Goiás.



AGORA À DISPOSIÇÃO DA EDUCAÇÃO, DA COMUNIDADE GOIANA
E DA SOCIEDADE BRASILEIRA

ACESSE AQUI:

www.sintegohistoriadeluta.org





PEIXINHO-DA-HORTA EMPANADO

Beatriz Haruka e Samuel Leão

“PANCs” é o acrônimo para Plantas Alimentícias Não Convencionais, termo cunhado pelo biólogo e professor do Instituto Federal do Amazonas, Valdely Ferreira Kinupp, em 2008.

São plantas com potencial alimentício e desenvolvimento espontâneo, porém que não são consumidas em larga escala ou são utilizadas apenas em determinada região.

No Brasil, são mais de 350 espécies de PANC em catálogo. Porém, estima-se que existam mais de 10 mil plantas com potencial para alimentação que ainda não foram exploradas.

Uma das PANCs usadas na culinária brasileira é a planta “Peixinho”, cada vez mais apreciada por seus benefícios para a saúde – além do alto nível de fibras, que auxiliam na digestão, ela possui propriedades antioxidantes e expectorantes, e é rica em minerais como potássio e cálcio – e por seu sabor inusitado, que se assemelha ao sabor de peixe frito.

Originária de regiões do Cáucaso, como Turquia e Irã, a planta “Peixinho” (*Stachys byzantina*) também é chamada de peixinho-da-horta, lambarizinho, lambari-de-folha, orelha-de-lebre e até orelha-de-porco, é da família das *lamiaceae*, a mesma família do manjeriço, do tomilho e do orégano.

Além de saudável, a planta “Peixinho” é fácil de preparar. Confira esta

INGREDIENTES

Folhas de peixinho-da-horta
 Farinha de trigo
 Temperos (usamos páprica picante, *lemon pepper* e sal)
 Farinha de rosca ou farinha panko
 Óleo vegetal

PREPARO

- ✓ Comece lavando e secando bem as folhas do peixinho-da-horta.
- ✓ Em uma tigela misture a farinha de trigo e os temperos.
- ✓ Em seguida, acrescente água aos poucos até chegar à consistência desejada.
- ✓ Passe os peixinhos na mistura de farinha e depois na farinha de rosca.
- ✓ Leve pra fritar até dourar dos dois lados e pronto!



Beatriz Haruka -
Ativista alimentar



Samuel Leão -
Jornalista.

MASSACRE DE GUAPOY: OS KAIOWÁ E O TAMANDUÁ CEGO

José Bessa Freire



Foto: TequiPrati

Esse país, que completa 200 anos de Independência, se mantém vergonhosamente dependente de práticas colonialistas seculares. Deixou de ser colônia, mas permanece comandado pela colonialidade. Continua matando indígenas para defender a usurpação das terras ancestrais, como ocorreu na sexta (24 de junho), em Amambai (MS), quando policiais militares assassinaram Vitor Fernandes, de 42 anos, e feriram dez kaiowá desarmados, entre eles um menino e dois jovens de 14 e 15 anos, em estado grave.

Os Kaiowá tentavam retomar seu território tradicional, hoje ocupado pela fazenda Borda da

Mata da empresa VT Brasil, de Waldir Cândido Torelli, um dos 500 maiores devedores da União, com dívida ativa acumulada em R\$ 493,2 milhões. Torelli, réu na *Operação Jurupari*, foi investigado, em 2013, por formação de quadrilha, desmatamento e extração ilegal de madeira.

O Massacre de Guapo'y – denominação dada pela Assembleia Geral do Povo Guarani Kaiowá (*Aty Guasu*) – foi celebrado pelo secretário de Justiça e Segurança Pública de Mato Grosso do Sul, Antônio Carlos Videira, ex-delegado de Polícia em Dourados. O sem-vergonha culpou os Kaiowá por terem “criado um clima de terror”. Tudo

fake. Justificou que a ação policial era para combater o tráfico de drogas, quando o boletim de ocorrência já havia registrado a reintegração de posse, que exige ordem judicial.

Se os recursos para filmar existissem na época dos bandeirantes, teríamos imagens semelhantes àquelas dos vídeos divulgados nas redes sociais, que documentaram o massacre. Está tudo lá: a invasão da tropa de choque da PM, os tiros disparados de um helicóptero em jovens desarmados, mulheres e crianças correndo desesperadas, uma menina ferida no abdômen, a prisão de alguns indígenas e o menino de 12 anos intubado no hospital.



OS ATAQUES

O (des) governo do Coiso incentivou o agrobandidismo que, nos últimos meses, intensificou suas operações diante do risco provável de perder a eleição de outubro, quando tais ações criminosas poderão ser coibidas e punidas por um novo governo. Por isso, as milícias rurais têm pressa em efetivar a sugestão do Pai dos quatro zeros, feita em 16 de abril de 1998, na Câmara dos Deputados: “exterminar os índios, como fez a cavalaria americana”.

A barbárie, da qual o Zero Pai é a caricatura mais abjeta, retrocede ao esquadrão da morte formado por bandeirantes no período colonial. Não rompemos ainda, enquanto nação, com a colonialidade. Quando o Brasil completou, em 1900, quatro séculos de existência, o engenheiro Paulo de Frontin, nomeado presidente da “Comissão do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil”, organizou um programa de festividades, com desfiles militares e manifestações religiosas, populares e artísticas.

Na sessão magna de abertura, uma missa campal foi celebrada na Praia do Russell para rememorar a Primeira Missa, com exposição do famoso quadro de Victor Meirelles. Paulo de Frontin fez o seguinte discurso:

“O Brasil não é o índio; este, onde a civilização ainda não se estendeu, perdura com os seus costumes primitivos, sem adiantamento nem progresso. Descoberto em 1500 pela frota portuguesa ao mando de Pedro Álvares Cabral, o Brasil é a resultante directa da civilização ocidental, trazida pela imigração, que lenta, mas continuamente, foi povoando o sólo.”

Não era conversa de botequim entre dois bolsonarentos. Frontin falava oficialmente em nome do Brasil, quando reforçou a proposta indecente:

“Os selvícolas, esparsos, ainda abundam nas nossas magestosas florestas e em nada diferem dos seus ascendentes de 400 anos atrás; não são nem podem ser considerados parte integrante da nossa nacionalidade; a esta cabe assimilá-los e, não o conseguindo, eliminá-los.”

A RESISTÊNCIA

Sem tirar uma vírgula, este discurso cabe na boca de Daniel Silveira, se ele for nomeado presidente da Comissão do Bicentenário da Independência, como maestro do quebra-quebra programado para 7 de setembro. Basta atualizar a ortografia. Não carece chamar a cavalaria americana para acelerar a eliminação sistemática de indígenas no país. O Massacre de Guapo’y, sem o respaldo do Judiciário, não foi ato isolado, como observou Eliel Benites Kaiowá, professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

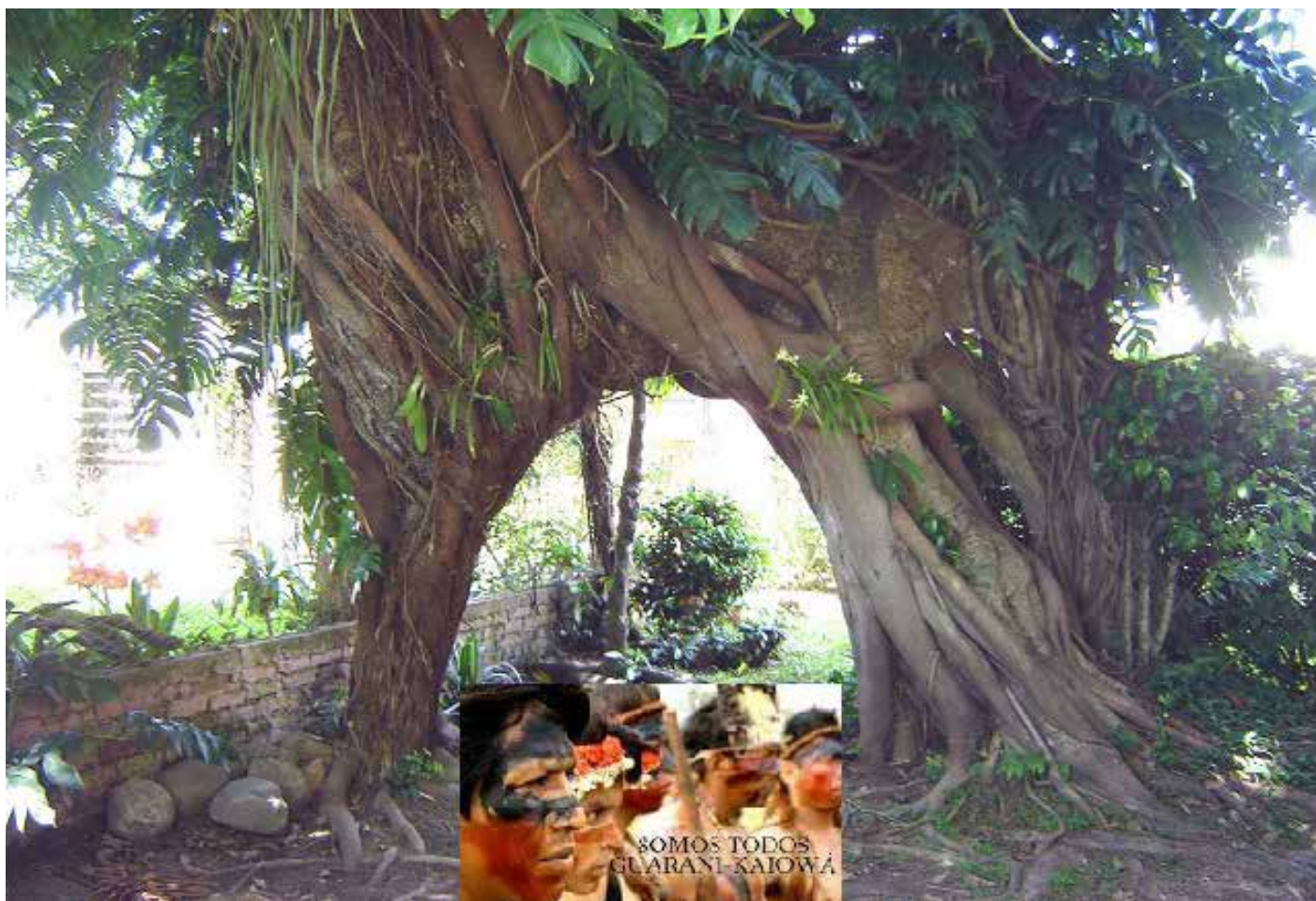
“O mais grave é que tentaram qualificar os indígenas como criminosos. Inventaram essa narrativa de que os indígenas estavam fazendo tráfico de drogas. Distorceram para legitimar uma ação ilegal e a morte de uma liderança” – disse Eliel em entrevista à *Amazônia Real* durante o enterro de Vitor.

A nota da *Aty Guasu*, organização do povo Guarani Kaiowá, lembrou que é “uma tradição



Foto: TaquiPraTi





Fotos: TaquiPrati

do nosso povo plantar nossos mortos ali onde tombaram". Por isso, os Kaiowá, que foram expulsos pela PM, voltaram na tarde de segunda-feira (27) para sepultar o corpo do seu líder no território ancestral Guapo'y - nome de uma árvore de 20 metros de altura, abrigo de sementinhas que alimentam

os pássaros. Ali construíram barracos ao lado da sepultura.

No momento em que Vitor era plantado em Guapo'y, o Grupo Tortura Nunca Mais, coordenado por Cecilia Coimbra e Joana D'Arc Ferraz, realizava live com vários participantes: Itahu, líder do Conselho de Gestão Ka'apor (Tuxa Ta Pa Me); José Mendes, antropólogo e assessor dos Ka'apor, ameaçado por madeireiros, este locutor que vos fala e Gilberto Marques, docente da Universidade Federal do Pará, que ressaltou a esperança na resistência, recuperando a imagem do tamanduá fotografado por Araquém Alcântara com seu relato dramático:

- Eu o vi de longe, na beira da estrada Cuiabá-Santarém (BR-163), mas não conseguia identificá-lo. Então, pulei a cerca, fui até ele, senti o cheiro de carne queimada e o vi saindo do

incêndio criminoso da floresta, cego e com o peito em brasa, ferido na região frontal. Quando ele sentiu que eu me aproximava, tentou se defender: abriu os braços e se ergueu sobre as duas patas numa atitude de defesa. Eu fiquei comovido com a luta dele pela sobrevivência.

Os criminosos que cegaram o tamanduá pertencem à mesma corja dos que mataram nos últimos dois anos Vitor Kaiowá, Sarapó Ka'apor, Zezico Guajajara, Paulo Paulino Guajajara, Ari Uru-Eu-Wau-Wau, Bruno Pereira, Dom Phillips e tantos outros milhares ao longo de cinco séculos, que nos deixaram esse legado do tamanduá: a luta continua. Guapo'y, abrigo de sementinhas que alimentam os pássaros.



José Bessa Freire. - Professor e escritor, em www.taquiprati.com.br.



PÉ DE GARRAFA:

UMA LENDA DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO

— Zezé Weiss

Diz a lenda que no Pantanal vive com um único chifre e uma perna solitária, que aparece no meio de seu corpo todo coberto de pelos, exceto pelo umbigo branco, seu único ponto fraco.

Suas pegadas, dizem, são muito curiosas, porque não se parecem com as de nenhum animal. Seus pés são como patas, mas em formato de um fundo de garrafa, por isso o chamam de Pé de Garrafa.

Esse ser mágico, contam os locais, é um grande defensor do meio ambiente que anda pelas matas perseguindo quem destrói a natureza. Dócil quando não existem ameaças, quem já o encontrou diz que o Pé de Garrafa vira uma fera quando sente qualquer sinal de perigo para o seu habitat.

Com seu canto agudo, o Pé de Garrafa costuma atrair seus inimigos – grileiros, madeireiros

e garimpeiros – com seu irresistível canto agudo. Para escapar de suas enormes e pontudas garras, dizem que o único jeito é atingir em cheio seu umbigo branco, mas, como nem sempre isso é possível, o melhor mesmo, dizem os mateiros, é ficar bem longe do Pé de Garrafa!



Zezé Weiss - Jornalista Socioambiental, com base em pesquisa realizada via Internet.



BASTA DE VIOLÊNCIA!

*“ Quantos mais vão
precisar morrer para que
essa guerra acabe? ”*

Marielle Franco

Marcelo Aloizio de Arruda, guarda municipal, de 50 anos, foi assassinado em Foz de Iguaçu, em sua festa de aniversário, por um fanático bolsonarista, neste julho (5) de 2022. O motivo? A festa de Marcelo tinha por tema o presidente Lula e o PT. Protestamos contra mais este ato de violência infame e, em memória de Marcelo Arruda e de tanta gente que tombou, seguimos em luta pela democracia, pelo diálogo, pela tolerância e pela paz!



FETEC CUT
Centro Norte





Foto: divulgação/ Mídia Ninja

BRASIL TEM 2,9 MILHÕES DE GAYS, LÉSBICAS OU BISEXUAIS

Eduardo Nunomura e Wérica Lima

Duzentos e trinta e três mil pessoas da região Norte se auto-identificaram como homossexuais ou bissexuais. No Brasil, 2,92 milhões de brasileiros (ou 1,8% da população acima de 18 anos) assumiram uma dessas duas orientações sexuais diante de um pesquisador do IBGE.

Quatro dos sete Estados amazônicos (Amapá, Amazonas, Pará e Rondônia) têm mais gays, lésbicas ou bissexuais do que a média brasileira. Pela primeira vez na História, e ainda de forma experimental, o órgão oficial de pesquisas do País investigou a orientação sexual do brasileiro. Os resultados nacionais e regionais surpreendem.

A população heterossexual chegava a 94,8% (150,8 milhões de brasileiros) em 2019, ano em que foram coletados os dados para a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS). Já a de homossexuais era de 1,2%, a bissexual de 0,7% e os de outra orientação sexual, 0,1%. A amostra foi composta de entrevistas em 108 mil domicílios. Os pesquisadores do IBGE fizeram a seguinte pergunta: "Qual é a sua orientação sexual?"

Os dados aparentam estar subnotificados, e o próprio IBGE admite essa ressalva. Por ser a primeira vez que esse tipo de pergunta é feita numa pesquisa desse alcance, não é improvável que o brasileiro tenha se esquivado de respon-

dê-la corretamente. Estudos equivalentes em outros países mostram uma proporção maior de homossexuais ou bissexuais em relação à PNS. No Canadá, 3,1% dos homens e 3,5% das mulheres se identificam como lésbicas, gays ou bissexuais (LGB). Nos Estados Unidos, a proporção é de 2,7% (eles) e 3,2% (elas), enquanto na Grã-Bretanha ficam em 2,5% e 2,4%.

Uma explicação para a subnotificação pode estar embutida nos dados de 2,3% dos entrevistados que se recusaram a responder e de 1,1% que não souberam se autoidentificar, com maior destaque entre pessoas com ensino médio in-

completo. Ou até o medo de ser discriminado e sofrer algum tipo de violência podem ter feito com que muitos entrevistados tenham omitido essa informação para os pesquisadores da PNS.

A autodeclaração da orientação sexual não impede que um heterossexual tenha atração por alguém do mesmo sexo. Um homem trans pode manter relações com uma mulher e nada impede que, na PNS, tenha se identificado como heterossexual. A PNS 2019 procurou averiguar a chamada “orientação afetivo sexual”, que basicamente detecta quem é gay, lésbica ou bissexual. As diferentes identidades de gênero, como cis e transgênero, não foram consideradas, nem mesmo a expressão de gênero (feminino, masculino ou andrógino).

“Eu sendo uma pessoa não-binária e transmasculina, como responderia a essa questão?”, provoca o designer especialista em acessibilidade e inclusão e estudante de biologia, Allen Ximenes, de 23 anos. Embora elogie a PNS, por seu pioneirismo de mostrar que a diversidade “existe de uma forma muito mais concreta”, Allen lembra que faltou também questionar a identidade de gênero. “Se o assunto que ela [a pesquisa] estiver querendo saber é sobre os meus órgãos, se responder sexo feminino, vou obviamente estar contribuindo para estatísticas de pessoas que precisam de acesso ao ginecologista. Mas esse sexo não representa a minha identidade muito mais voltada para o masculino, embora ela seja uma identidade não-binária. E aí eu faço o quê?”

Fundador do coletivo Recursos Trans AM, que surgiu a partir de sua experiência de buscar comunidades de apoio e não encontrá-las em Manaus no início da transição, Allen lembra que uma pessoa pansexual respondendo à pergunta da PNS sobre orientação sexual pode se sentir inclinada a responder “bissexual” por falta de opção.

Da mesma forma, na resposta de uma mulher trans que se identifica

como homossexual, Allen adverte que a pesquisa entenderia a resposta como uma afetividade sexual que envolveria apenas dois órgãos genitais iguais – considerando a ideia de sexo biológico feminino, quando na verdade dentro da vivência trans as afetividades sexuais podem envolver quaisquer órgãos genitais, dado que a identidade de gênero é diferente do sexo biológico atribuído.

“Muita gente acha que o ‘outros’ é suficiente para incluir uma pessoa, embora seja o mínimo para abranger outras opções e não restringir quem está respondendo. Se uma pessoa trans responde a essa pesquisa, baseada em sua vivência e identificação, a pesquisa não estará entendendo essa resposta de forma verdadeira. Como a pesquisa tem uma estrutura cisnormativa, ela vai computar o dado de um jeito diferente, assumindo que a vivência é de uma pessoa cisgênero e não de uma pessoa trans”, explica Allen.

O DESTAQUE DO NORTE

O Amapá aparece como a segunda Unidade da Federação, só atrás do Distrito Federal (2,9%), a ter maior proporção auto-identificada como lésbica, gay ou bissexual (2,8%). E um dos motivos é que Macapá está em terceiro lugar nacional entre as capitais brasileiras, com 3,9% dos macapenses se identificando como LGB – Porto Alegre (5,1%) e Natal (4%) estão na frente. Em números absolutos, equivalem a 13 mil pessoas na capital do Amapá. Numericamente mais expressivos são os 46 mil manauaras e 30 mil belenenses, por serem de cidades com mais habitantes do que Macapá.

O Amazonas vem em terceiro (2,3%), o Pará em nono (1,9%) e Rondônia em décimo (1,9%) na região Norte com maior proporção de homossexuais e bissexuais. Tocantins é o Estado amazônico com a mais baixa proporção do País (0,6%).

Há mais homens (considerando o sexo biológico) gays (1,4%)

do que mulheres lésbicas (0,9%), enquanto que existem mais mulheres bissexuais (0,8%) do que homens bi (0,5%). Os pesquisadores da PNS detectaram que na população de 18 a 29 anos, a proporção de homossexuais ou bissexuais para maiores de 18 anos é de 4,8%, muito superior aos mais velhos (1% para a faixa de 40 a 59 anos ou 0,2% para 60 anos ou mais).

Davi Martins, de 22 anos, um artista plástico independente e estudante de Jornalismo, é um homem cis gay, identificando-se assim desde os 19 anos. Desde que começou a ter uma vida sexual ativa, passou a frequentar postos de atendimento à saúde. Ele procura por exames rotineiros de DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e dermatologia, estes últimos por causa de quadros intensos de psoríase causados por estresses ligados à sua orientação sexual e vivência no mundo.

Dependente do Sistema Único de Saúde (SUS), Davi já enfrentou experiências boas e ruins ao ser atendido em postos médicos e hospitais. Nem sempre davam a devida atenção a fatores emocionais ou psicológicos, recorda-se. Para começar a fazer testes rápidos de DSTs, sentiu-se desorientado. Mas nada se compara ao que enfrentou em março deste ano, no Hospital Tropical [nome popular da Fundação de Medicina Tropical de Manaus]. Na época, ele começou a perder peso e ficar muito mal, sentindo fraqueza e dores de cabeça. Imaginava que podia ser estresse, mas resolveu fazer novos exames no final de abril.

Ao fazer a testagem rápida, ele testou positivo para o HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana). “O resultado me chocou pouco, pois sei dos cuidados que devo tomar, mas que minha vida não acabou por conta disso. Porém o diagnóstico quando foi passado gerou muito desconforto”, afirma.

Atendido por uma médica e um enfermeiro, foi questionado sobre sua vida sexual, gênero, para poder tirar o sangue para exame. Na hora de receber o resultado, era nítido que havia dado positivo. Estavam presentes, além das duas pessoas iniciais que o atenderam, mais um médico e enfermeira, todos olhando-o na sala. Quatro pessoas para dar um diagnóstico. O médico que nem mesmo o atendeu inicialmente foi quem lhe deu o resultado. Sequer pôde marcar exames, e foi aconselhado a voltar no dia seguinte.

Uma enfermeira se espantou ao saber que ele recebeu o diagnóstico de uma maneira tão fria. “Lá na emergência não deveriam ter me passado o resultado daquela forma, com várias pessoas me olhando”, lembra Davi. “Somente a médica que me atendeu deveria ter me passado. Ela deveria ter me orientado a passar pela triagem com a enfermeira para me falar das opções de tratamento”.

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO

Em outros recortes, a PNS detectou também que entre as pessoas com superior completo há maior autoidentificação como homossexual ou bissexual (3,2%), ocorrendo o mesmo com a renda per capita. A proporção é de 3,5% dos brasileiros que se assumem como LGB e ganham acima de 5,5 salários mínimos, ante o 1,3% dos que ganham menos de meio salário mínimo. O tamanho desse abismo se revela também entre os 2% da população urbana ante o 0,8% dos que moram em zonas rurais.

O País já produz estudos relacionados a essa temática da diversidade, como as estatísticas oficiais de registro civil, que indicam que houve 757 mil casamentos no ano de 2020, mas apenas 6.433 foram entre pessoas do mesmo sexo. Já a PNS, por possuir um caráter nacional, permitirá que o Brasil compreenda como atender melhor as especificidades de cada

público em questões como acesso ao serviço de saúde e a violência de gênero dessa população, muitas vezes maltratada até na hora de acessar os serviços de saúde.

Doar sangue, um ato para ajudar outras pessoas, ainda é visto com discriminação por parte de alguns profissionais quando se trata de pessoas do público LGBTQIA+.

Doadora de sangue, Júlia Roberts de Souza, de 22 anos, é pansexual e quase foi barrada da última vez. O motivo? Sua orientação sexual fez os profissionais acharem que ela tem DSTs, mesmo quando apresenta os exames em dia. Antes das doações, ela não declarava sua orientação (“pansexual”, que na PNS é identificada como “Outra”), e acredita que por essa razão não enfrentava problemas.

“Na semana passada, fui doar, e a mulher foi bem rude em relação a isso. Eles não escondem, mas também não falam diretamente. Sempre fecho a cara e eles falam ‘ah, você pode mesmo doar’. Sempre tem algum preconceito revestido. É ruim porque você está lá para ajudar alguém. Sofrer esse tipo de preconceito desmotiva”, afirma Júlia Roberts.

Desde muito cedo, Júlia passou por transtornos psicológicos e chegou a ter depressão e ansiedade. Aos 11 anos, ela se mutilava ao ouvir tantos comentários que negavam sua existência e temer ser descoberta pela família. “Você não consegue falar, se expor, contar o que sente; as pessoas não te escutam, só preferem te julgar. Eu não conhecia outra forma de lidar com isso.”

Com o passar dos anos, as crises tornaram-se mais intensas e numa dessas vezes ela acabou perdendo muito sangue. Ao ser levada ao hospital e levar nove pontos em seu braço, mais uma vez não se sentiu acolhida pelos profissionais de saúde. “Eles foram bem diretos, falaram que isso não era normal e que tinha um psicólogo no final do corredor.”

Crescida numa família tradicional evangélica, Júlia Roberts ainda viveu uma tempestade particular quando resolveu assumir sua orientação sexual. “Falaram que era um demônio. Disseram que era uma entidade que queria me arrastar. Foi tudo muito preconceituoso, humilhante. Isso me perturbou muito e aí até fui para o Eduardo Ribeiro [centro de tratamento psiquiátrico]”, conta.

Atualmente Júlia não frequenta mais o psicólogo nem o psiquiatra. Da última vez que foi ao Centro de Atenção Psicossocial, ela teve o atendimento negado.

“Disseram que eu tinha que ouvir vozes, ser perturbada e já quase ter partido para uma agressão em alguém. Desisti porque é muito difícil, não tinha mais vaga para mim e acabei sendo excluída”, afirma. Ao já ter buscado diversas formas para um atendimento digno, que não a discrimine por ser quem é, a jovem Júlia se questiona: “Que tipo de sistema é esse? As pessoas não querem te ajudar?”. A PNS, certamente, não é a solução, mas pode ser o começo para acolher a diversidade dos brasileiros.

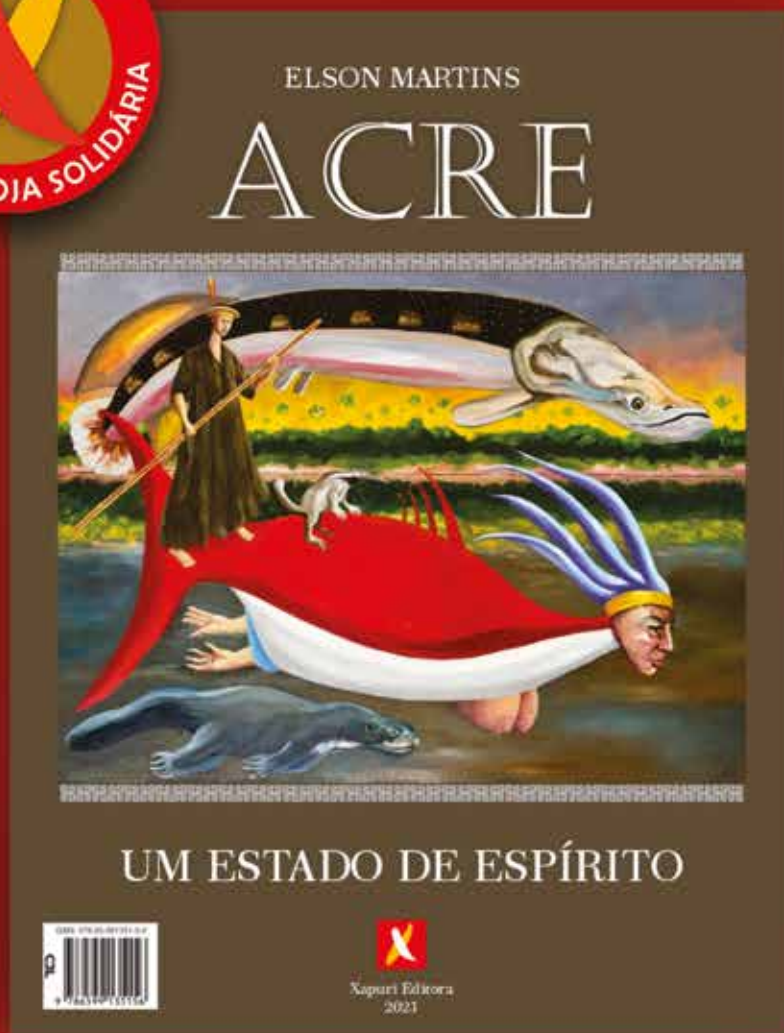


Eduardo Nunomura e Wérica Lima -

Jornalistas da Amazônia Real - Agência de jornalismo independente e investigativo criada por jornalistas mulheres em 20 de outubro de 2013, em Manaus, no Amazonas, Norte do Brasil. Sua missão é fazer jornalismo ético e



investigativo, pautado nas questões da Amazônia e de seu povo. A linha editorial é voltada à defesa da democratização da informação, da liberdade de expressão, da liberdade de imprensa e dos direitos humanos. Matéria originalmente publicada em <https://amazoniareal.com.br/pns-gays-lesbicas-bissexuais/>.



ACRE: UM ESTADO DE ESPÍRITO

“Enfim, saiu o meu primeiro livro, que eu chamo de boletim espiritual. São causos, contos, entrevistas, relatos pessoais, com um ethos amazônico,” publicou em suas redes sociais o jornalista acreano Elson Martins, um gigante do jornalismo brasileiro.

Elson é membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri e seu livro, em versão impressa e digital (e-book), produzido pela Xapuri, está disponível em nossa loja solidária: www.lojaxapuri.info

COMPRA AQUI!



BESTA UMA ALIANÇA NA PALMA DE MINHA MÃO

Pedro Tierra

Contra o olvido do assassinato de Bruno Pereira e Dom Phillips

I

A urna silenciosa
protege dos meus olhos
a carne destrocada
de um homem morto.

Essa é a insuportável verdade
que meus olhos
e meu coração
recebem das mãos de um Estado
cúmplice.

Para iludir o espanto do país
diante do horror,
do horror que nos assalta
(e nos define),
a urna mortuária cerca
no contorno de sua madeira opaca,
lacrada,
os “remanescentes” do corpo
a caminho do pó e do esquecimento.

Alessandra: Poderá o poeta atender
à dimensão da dor que me devasta
o peito?

À palavra que a língua recusa
proferir?

Ouçõ a voz de Beatriz
quando o coro dos Xucuru
entoa o Toré,
nessa tarde gris
e semeia as cinzas de Bruno
num caminho de estrelas
em véspera de explodir.

Sei que não haverá urna capaz
de encerrar sonhos partilhados.

E não haverá como prender
a canção que cavalga
os ombros do vento,
o voo das araras
vermelhas, azuis, canindés...
sobre o Vale do Javari,
a ternura entoada
pela voz de povos-criança,
últimos descendentes
da inocência do mundo.

Curiosa gente
que designamos selvagens,
antes de matá-los.

II

Reerguer a memória da tarde.
Inscrever, na pedra, no metal,
no silício,
em todas as telas que fragmentam
nossa percepção do real,
os nomes:

Bruno Pereira,
Dom Phillips.

Como um sinal.

Cortados assim a fogo
que a um só tempo queima e ilumina.

Para nos condenar à vigília
e manter acesa a memória da
barbárie.

E dizer a quem nos queira ouvir:
somos a nação que pratica
e recusa a barbárie.

E fundir, por fim, com a luz de suas
vidas
uma aliança como a que resta
na palma de minha mão.
Uma aliança que clama por justiça
contra a maldição do olvido.



Pedro Tierra –
Indignado Poeta da Liberdade. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



Sala supe

Não é verdade c

As de aula perlotadas.

que está tudo bem. É sobre **isso**



Filiação:
CUT
CNTE

43
ANOS



CUT
CNTE



Foto: Survival International



CARTA PARA O GRANDÃO

Beto Marubo

05 de julho de 2022. Um mês após o assassinato de Bruno Pereira e Dominic Phillips no rio Itaquai, Vale do Javari...

O acampamento está pronto, feito com palhas de cocão. Ouço o barulho das folhas das grandes árvores vindo do leste. Os macacos zogue-zogue anunciam o amanhecer. A terra enlameada do acampamento logo estará vazia, pois as equipes da expedição seguirão viagem rio acima. Os igarapés nas margens dos rios Curuçã e Itaquai estão secos, onde um bando de queixadas passou ontem. A anta assobia solitária pelo alto rio Jaquirana. A jacutinga canta triste pelas cabeceiras do Jutai e lá pelas bandas do rio Itui. Os isolados estão tocando suas flautas, feitas com ossos de macaco preto. Os Korubo estão querendo retornar às suas terras no rio Coari. Os Matis voltaram às pazes com os Korubo, e agora planejam tomar cipó tatzik nas cabeceiras do rio Branco.

Ah, Grandão! Meus parentes Marubo estão nos convidando para tomar rapé nas cabeceiras do rio Kumãya. Os Kamamary querem tomar ayahuasca (rami) nas aldeias do rio Itaquai. Os Mayoruna querem planejar andanças pelos seus territórios ancestrais, no alto rio Jaquirana. Infelizmente, com a sua passagem, nós conseguimos! Conseguimos que todos vejam as nossas mazelas. Expomos quão esquecidos nos encontramos, nós, povos indígenas do Vale do Javari. Um monte de pessoas no Brasil e ao redor do mundo inteiro estão falando sobre você, Grandão, e sobre o Dom. Agora o mundo inteiro sabe que, no Vale do Javari, reina a omissão, a inação e a política negacionista, a ausência total do Estado em nossa terra, mesmo após um mês do seu assassinato. Sabem até que a Fundação Nacional do Índio (Funai) perseguia e

continua perseguindo você. O atual presidente deste país tentou de todas as formas desconstruir a sua história, mas ela se manterá por gerações, pois nós, povos do Vale do Javari, sabemos que você morreu por nós, pela nossa terra. Nunca vamos nos esquecer disso.

A sua luta continuará através de nós e de nossas gerações. Já arrumei a minha mochila. Já até calcei as minhas botas – aquelas que você tanto desdenhava, mas elas são boas, são impermeáveis. Afiei o meu facão – aquele que você também achava pesado demais para uma expedição. Já tomamos o café amargo. Já aconteceu uma primeira rodada de rapé. Todos estão prontos para a partida. Temos de seguir viagem, Grandão. Daqui a pouco o sol ficará quente demais. Há muitos troncos de árvores espalhados em nosso trajeto. Teremos de seguir, tristes, sem a sua companhia. Fique bem, prossiga a sua expedição pelas matas da minha terra.

Vamos nos falando pelos sonhos da ayahuasca.

Oshatso, Grandão!

Beto Marub - Líder
Indígena (UNIVAJA)





A FÁBULA DA ÁGUIA E DA GALINHA

Leonardo Boff

A globalização representa uma etapa nova no processo de cosmogênese e de antropogênese. Temos que entrar nela. Não do jeito que as potências controladoras do mercado mundial querem – mercado competitivo e nada cooperativo –, apenas interessadas em nossas riquezas materiais, reduzindo-nos a meros consumidores. Nós queremos entrar soberanos e conscientes de nossa possível contribuição ecológica, multicultural e espiritual.

Percebe-se desmesurado entusiasmo do atual governo pela globalização. O presidente fala dela sem as nuances que colocariam em devida luz nossa singularidade. Ele tem capacidade para ser uma voz própria e não o eco da voz dos outros.

Para ele e seus aliados, conto uma história que vem de um pequeno país da África Ocidental, Gana, narrada por um educador popular, James Aggrey, nos inícios deste século, quando se davam os embates pela descolonização. Oxalá os faça pensar.

Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro, a fim de mantê-lo cativo em casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto às galinhas. Cresceu como uma galinha.

Depois de cinco anos, esse homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista: “Esse pássaro aí não é uma galinha. É uma águia”.

“De fato”, disse o homem. “É uma águia. Mas eu a criei como

galinha. Ela não é mais águia. É uma galinha como as outras.”

“Não”, retrucou o naturalista. “Ela é e será sempre uma águia. Pois tem um coração de águia. Este coração a fará um dia voar às alturas.”

“Não”, insistiu o camponês. “Ela virou galinha e jamais voará como águia.”

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e, desafiando-a, disse: “Já que você de fato é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra suas asas e voe!”.

A águia ficou sentada sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos. E pulou para junto delas.

O camponês comentou. “Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!”.

“Não”, tornou a insistir o naturalista. “Ela é uma águia. E uma águia sempre será uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.”

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe: “Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!”.

Mas, quando a águia viu lá embaixo as galinhas ciscando o chão, pulou e foi parar junto delas.

O camponês sorriu e voltou à carga: “Eu havia lhe dito, ela virou galinha!”.

“Não”, respondeu firmemente o naturalista. “Ela é águia e possui sempre um coração de águia. Vamos experimentar ainda uma

última vez. Amanhã a farei voar.”

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram-na para o alto de uma montanha. O sol estava nascendo e dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe: “Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, abra suas asas e voe!”.

A águia olhou ao redor. Tremia, como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então, o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, de sorte que seus olhos pudessem se encher de claridade e ganhar as dimensões do vasto horizonte.

Foi quando ela abriu suas potentes asas. Ergueu-se, soberana, sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto e a voar cada vez mais para o alto. Voou. E nunca mais retornou.

Povos da África (e do Brasil)! Nós fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Mas houve pessoas que nos fizeram pensar como galinhas. E nós ainda pensamos que somos efetivamente galinhas. Mas nós somos águias.

Por isso, irmãos e irmãs, abram as asas e voem. Voem como as águias. Jamais se contentem com os grãos que lhes jogarem aos pés para ciscar.



Leonardo Boff - Teólogo, filósofo e membro da Iniciativa Internacional da Carta da Terra.





**PROFESSORA NILZA, VEREADORA NILZA:
PRETA NOSSA DE FORMOSA!**

Zezé Weiss



Houve um tempo em Formosa, entre meados dos anos 1970 e 1980, em que a juventude boêmia circulava, a pé, de bar em bar, trocando prosa sobre qualquer coisa, ao som de boas modas de viola. Era o Corujão, na ponta do Mato da Bica; o Bar do Seu Elpidio, na Emílio Póvoa; e, na Praça da Feira, o Zé do Fole, um boteco camarada onde sempre se encontrava cerveja gelada, tira-gosto honesto e alegria garantida.

Cada boteco tinha sua própria idiosincrasia, sua própria cultura. O Corujão ficava no fim da linha. Era ali, no quase-romper da aurora, que o dono, um cabra forte e sisudo, curava qualquer ressaca com seus inesquecíveis bifés acebolados. Seu Elpidio era mais pra moda de viola, ainda que de vez em quando o clima esquentasse em breves festivais de pimenta, onde alguém sempre se entupia de malagueta pra se livrar da conta.

Já com Zé do Fole era diferente, o dono era, em si, a figura central do boteco. Casado com Maria Abadia e apaixonado por ela, tanto quanto pela necessidade de gerar renda para o sustento de suas quatro crianças pequenas, Zé do Fole aguentava aquele bando de bebuns porque era um ser humano feliz, amante do movimento e da muvuca. Naqueles tempos bicudos da ditadura, Zé do Fole era vanguarda em Formosa: incentivava a cultura, tocava em temas proibidos, botava fogo no debate da política.

Ao mesmo tempo, o bar do Zé do Fole era bem família. Ali, por entre as mesas e cadeiras, por vezes circulava uma menina barrigudinha, esperta e perguntadeira, que atendia pelo nome de Nilzinha. Nascida e criada na Praça da Feira, onde até hoje mora sua família, Nilza Cristina Gomes dos Santos herdou do pai, que precocemente virou pó de estrela, o senso de justiça, o gosto pela política e, principalmente, o amor por Formosa, expressado nas muitas lutas que travou e trava em seu meio século de vida.

Menina inteligente, preta e pobre, para realizar o sonho de ser professora, formada em magistério pelo Colégio São José, como sua família não tinha condições de pagar a escola, a filha de Abadia e Zé do Fole entrou como bolsista, trocando o direito de assistir as aulas por serviços na limpeza do colégio, como era costume das freiras à época. “Eu a admiro muito por isso”, diz a filha Fernanda, com o sorriso aberto de quem muito se orgulha da mãe guerreira que lhe serve de estrela-guia.

Vinda de um berço rico em sensibilidade, educação, diversidade e cultura, a aluna Nilza, aplicada nos estudos, depois de recém-formada professora passou no concurso da Prefeitura de Formosa e tornou-se, aos 19 anos, a primeira diretora da Escola Maria Lícia de Castro Trindade, no bairro São Vicente. “Foi um bom começo,” diz Nilzinha, “porque ali, ganhei o respeito da comunidade por compreender e lutar contra as disparidades do mundo desigual em que viviam”.

Disciplinada, Nilza seguiu trabalhando e estudando. Coursou História e Letras na Feclisf, hoje UEG – Universidade Estadual de Goiás. Ali nasceu a aguerrida militante Nilza, a incansável combatente das boas e justas causas. Ali, como membro do Centro Acadêmico de História, Nilzinha ajudou a travar a luta vencedora pelo reconhecimento da Faculdade pelo MEC. Havia sido dada a largada para sua bonita trajetória de resistência e luta em defesa da educação, dos direitos humanos, da democracia.

Em 1993, em busca de melhores condições de trabalho, de salário e de vida, Nilza foi trabalhar no sistema público de ensino do Distrito Federal. “Sim, minha mãe foi dar aulas em Brasília, foi militar em Brasília, foi fazer muitas coisas em Brasília, ficou muito tempo na estrada, mas nunca mudou pra lá. Graças a esse seu grude dela com a família e a esse profundo amor que ela tem por

Formosa, eu cresci com minha mãe sempre presente, sempre por perto”, diz orgulhoso o filho Felipe.

Como professora no DF, Nilza conheceu bem de perto a luta travada por sua categoria, envolveu-se e tornou-se dirigente sindical. Por três mandatos, fez parte da diretoria do Sindicato dos Professores do Distrito Federal – Sinpro/DF e, por 4 anos, fez parte da direção da Central Única dos Trabalhadores – CUT/DF.

No entremeio, a vida de Nilza foi sendo pautada pela militância partidária, no Partido dos Trabalhadores – PT, especialmente em Formosa, onde é membro da Executiva Municipal. Candidata a vereadora nas eleições de 2020, com quase 500 votos, Nilza tornou-se a primeira suplente do Partido,

Educadora dedicada, centrada na filosofia da educação amorosa de Paulo Freire, a professora Nilza, militante compromissada com a construção de um mundo melhor, mais humano, mais justo e menos desigual, foi diplomada vereadora pela presidenta da Câmara de Vereadores de Formosa em 30 de junho de 2022. Nilza substituiu o vereador Wélío de Iraci Chegou, afastado por 180 dias, por decisão judicial.

De agora em diante, além de cerrar fileiras com Bira, seu amado companheiro, no cuidado com o jardim de sua casa, ali no Parque Lago, aqui mesmo, em Formosa; na defesa do ensino público, universal e de qualidade; na luta antirracista, contra a homofobia e pelos direitos das mulheres; contra a miséria e a fome, e a favor da justiça social, sobretudo para as pessoas jovens e idosas, as que mais precisam de proteção e apoio, a professora Nilza, preta nossa de Formosa, passa a cuidar também da defesa dos interesses de toda a comunidade formosense, como vereadora do PT na Câmara Municipal de Formosa.



Zezé Weiss - Jornalista Socioambiental.

II CONFERÊNCIA NACIONAL POPULAR DE EDUCAÇÃO

Educação pública e popular se constrói com democracia e participação social: nenhum direito a menos e em defesa do legado de Paulo Freire.



www.fnpe.com.br

CONAPE 2022

Conferência Nacional Popular de Educação

15, 16 E 17 DE JULHO DE 2022

Centro de Convenções de Natal - RN

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação *Brasil*
www.cnte.org.br

Filiada à
CUT BRASIL

IUE
Internacional
de Educação

FNPE
Forum Nacional Popular de Educação



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**^{,00}
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **600**^{,00}
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

